



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

LEITURA E METODOLOGIAS ATIVAS: PROTAGONISMO E PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Leilma da Silva Pinto Ferreira
Rayane da Silva Pinto Aragão*

RESUMO

A leitura é um mecanismo estruturante da escola e uma das forças mais fortes que influenciam o ensino e a aprendizagem no processo; é fundamental para cultivar o pensamento crítico e a voz do aluno. Ao mesmo tempo, abordagens de aprendizagem ativa são identificadas como abordagens pedagógicas que levam a um maior engajamento dos alunos, participação e responsabilidade pela construção do conhecimento. Este estudo se concentrará na interação das práticas de leitura e metodologias ativas no contexto do Ensino Fundamental, que enfoca o papel que a leitura tem no aprimoramento da capacidade de foco, do processo de pensamento crítico e do protagonismo do aluno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre o tema, de natureza bibliográfica e documental, baseada em produções acadêmicas que discutem o processo de leitura como estímulo ao pensamento crítico e a implementação da sala de aula invertida no processo acadêmico como uma metodologia ativa. No entanto, o exame revela que, com leitura orientada, mediação qualificada do professor e estratégias ativas integradas, o engajamento cognitivo aumenta, a capacidade argumentativa se amplia, a autonomia é desenvolvida e a assimilação de conteúdo é aprimorada. A leitura, se articulada com metodologias ativas, emerge como uma prática social transformadora, reforçando a formação abrangente do aluno e contribuindo para uma aprendizagem significativa e emancipada.

Palavras-chave: Leitura. Metodologias Ativas. Pensamento Crítico. Protagonismo Discente.

INTRODUÇÃO

Os contextos educacionais, na era moderna, são cada vez mais definidos por revoluções tecnológicas, sociais e culturais que têm um impacto direto na tomada de decisões pedagógicas. O aumento das tecnologias digitais, a troca instantânea de informações e línguas, exigem que as escolas se transformem de modelos convencionais que se concentram estritamente na transmissão de conhecimento (MORAN, 2015; KENSKI, 2012).

Nesse contexto, a formação de leitores críticos é uma tarefa crucial e torna-se estrategicamente necessária para o estabelecimento de uma educação voltada para a emancipação intelectual e para formar o indivíduo de forma integral. A leitura em seu aspecto sociocognitivo não se limita à decodificação de sinais linguísticos.

É um processo complexo de interpretação que envolve a mobilização de conhecimentos prévios, formação de hipóteses, inferências, análise discursiva e construção ativa de significados (SOLÉ, 1998; KOCH; ELIAS, 2014). Ler significa engajar-se com o texto, reconhecer intenções, discernir pressupostos ideológicos e construir conexões intertextuais. A leitura, portanto, configura-

se como uma prática social historicamente posicionada e culturalmente mediada (VYGOTSKY, 1991).

As escolas têm sido tradicionalmente fundamentais na alfabetização e nas habilidades elementares de leitura e escrita. No entanto, a alfabetização, percebida meramente como conhecer o código, não pode acompanhar as demandas de hoje. Desenvolver a alfabetização crítica, que envolve participar ativamente da leitura e escrita social e compreender os aspectos ideológicos dos discursos (SOARES, 2004) é necessário.

O leitor crítico é, portanto, formado com base na suposição de que o aluno é capaz de ler não apenas o que o texto diz, mas o que ele silencia, sugere ou pressupõe. A sociedade moderna, com sua chamada cultura digital, resultou em um aumento da produção e distribuição de conteúdo, em diferentes formatos e plataformas. Nesse sentido, a leitura também acontece no ambiente digital multimodal, que funde linguagem verbal, visual e sonora, não apenas em textos impressos.

Essa realidade amplia o conceito tradicional de leitura e também exige o cultivo de habilidades interpretativas ainda mais sutis (KENSKI, 2012). Assim, as escolas precisam abraçar essa multiplicidade de linguagens sem abandonar o aprofundamento crítico. No

entanto, mesmo com o acesso melhorado à informação, nota-se que o consumo de conteúdo nem sempre é acompanhado por uma análise cuidadosa.

A falta de profundidade na leitura e a falta de concentração são problemas comuns no que diz respeito à escolarização. Distrações digitais, instigadas pelo uso constante, levam à fragmentação da atenção, e a análise aprofundada pode ser enfraquecida. Nesse caso, fortalecer práticas sistemáticas de leitura pode servir como uma estratégia pedagógica deliberada para o fomento da concentração e reflexão crítica.

Paralelamente a esse desafio, o método de ensino convencional centrado no ensino oral do professor e na aprendizagem (e memorização do conhecimento) não conseguiu melhorar a atenção dos alunos. Como Moran (2015) observou, é melhor quando o aluno está envolvido na aprendizagem, explorando, falando e aplicando o conhecimento. Metodologias ativas, portanto, são oferecidas como opções alternativas que permitem a redefinição do papel ativo e passivo (em vez de passivo ou parte integrante passiva) do aluno e do professor em uma nova forma de conhecimento.

A combinação de leitura e articulação de estratégias ativas aqui se manifesta como um potencial tangível para

transcender as limitações dos métodos de ensino transmissivos. Quando as práticas de leitura são combinadas com métodos participativos, o engajamento cognitivo é ampliado e o protagonismo do aluno se torna mais forte. A leitura torna-se não apenas um ato solitário, mas pode ser entendida como uma fonte de investigação, de resolução de problemas e de construção coletiva de conhecimento (PRENSKY, 2010).

Além disso, o modelo sociocultural de aprendizagem incentiva a interatividade no desenvolvimento intelectual. Vygotsky (1991) enfatiza que criamos conhecimento por meio de uma mediação social do conhecimento, com a linguagem como uma ferramenta primária nesse processo. Ao incentivar a comunicação entre texto e leitor, a leitura é um local ideal de significado profundo e consciência.

A convergência de métodos de leitura-ativa não pode, portanto, ser equiparada simplesmente a uma metodologia 'didática', mas deve ser vista como uma posição pedagógica integrada capaz de fomentar o desenvolvimento cognitivo, a autonomia intelectual e a formação cidadã. As escolas modernas precisam se comprometer com práticas em que a leitura textual profunda e a participação da criança sejam a norma,

construindo assim um espaço de aprendizagem reflexivo.

Neste ponto do estudo, uma das questões centrais que nos propomos a responder é: como a integração de leitura e metodologias ativas pode contribuir para o desenvolvimento da concentração, pensamento crítico e protagonismo no Ensino Fundamental II? O estudo é apropriado à luz de abordar as questões educacionais do século XXI, defendendo práticas pedagógicas à luz das exigências sociais e tecnológicas contemporâneas.

Assim, este artigo pretende discutir, por meio de teóricos, como a articulação entre leitura crítica e métodos ativos pode promover uma aprendizagem significativa, bem como aprimorar a formação integral do aluno. Visa aprofundar essa discussão para contribuir com o debate acadêmico, bem como fornecer os subsídios que ajudariam a construir práticas educacionais inovadoras e socialmente comprometidas.

METODOLOGIA

O presente estudo é definido como qualitativo, bibliográfico e documental, analisando referências teóricas que falam sobre a leitura como prática sócio-cognitiva e "técnicas ativas" como intervenção pedagógica popular. A metodologia qualitativa teve como propósito

metodológico a possibilidade de uma interpretação do fenômeno educacional em sua complexidade e aspectos multidimensionais da experiência de ensino-aprendizagem (MINAYO, 2014).

A pesquisa bibliográfica esteve no centro do estudo no levantamento, seleção e análise de obras nacionais e internacionais relacionadas à formação de leitores críticos, mediação pedagógica e uso de metodologias ativas no Ensino Fundamental. Gil (2010) observa que a pesquisa bibliográfica possibilita o estudo de contribuições teóricas já consolidadas, incentivando uma estrutura rigorosa articulada em direção ao problema em consideração. Autores que olham para a leitura através de uma lente interacional e sociocultural foram convidados a responder a esta pesquisa como uma prática social historicamente mediada (VYGOTSKY, 1991; SOLÉ, 1998; KOCH; ELIAS, 2014).

Simultaneamente, metodologias ativas e protagonismo estudantil foram discutidos, destacando contribuições para sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem colaborativa (MORAN, 2015; PRENSKY, 2010; KENSKI, 2012). A delimitação temporal focou-se em artigos, em linha com aqueles que tratam dos problemas educacionais da geração do século XXI, onde as implicações das tecnologias digitais

e mudanças sociais nas escolas e na sociedade em geral foram examinadas.

A literatura para as fontes consistiu em critérios de relevância acadêmica, recorrência em pesquisa educacional e proximidade com o tema de pesquisa escolhido. O rigor científico e a coerência teórica foram, portanto, perseguidos como abordagem. A análise de dados foi realizada utilizando análise interpretativa e categorial. Primeiro, os textos selecionados foram examinados com base em uma leitura exploratória e, em seguida, foi realizada uma leitura analítica para identificar conceitos-chave de autonomia, concentração, mediação do professor, criticidade, protagonismo estudantil e proatividade estudantil.

Estes foram então divididos em eixos temáticos que informaram a construção argumentativa do artigo. O método adotado segue a análise de conteúdo qualitativa proposta por Bardin (2011) para organizar informações e estabelecer relações entre categorias emergentes. Este processo nos permitiu ver a interconexão entre atividades de leitura e metodologias ativas e como isso promove uma aprendizagem significativa.

No entanto, este estudo não é uma coleta empírica com sujeitos, e embora sua natureza teórica não o torne sem sentido, a exploração visa também expandir o debate

conceitual e subsidiar a aplicação pedagógica para aprofundar o estudo. A investigação teórica tem o potencial de identificar concordâncias entre autores e listar aplicações específicas nas escolas.

A abordagem adotada permitiu, assim, uma análise crítica dos fundamentos da leitura como prática formativa e práticas ativas como estratégias de reestruturação pedagógica. A articulação dessas referências facilitou a construção de uma reflexão geral sobre a medida em que essa incorporação contribui para o crescimento do foco, autonomia intelectual e pensamento crítico no Ensino Fundamental II.

Articulação entre Práticas de Leitura e Metodologias Ativas na Construção da Aprendizagem Significativa

Em termos de educação, a leitura é uma prática formativa crucial para consolidar a aprendizagem significativa. Pode ser entendida como uma habilidade cognitiva multifacetada que abrange processos de compreensão da informação, uso do pensamento crítico, elaboração de inferências e construção de significados, além de ser uma habilidade instrumental. Como descreve Solé (1998), a leitura requer habilidades cognitivas como a formação de hipóteses, confirmação de previsões e

estabelecimento de associações entre texto e contexto.

A leitura não é uma prática passiva; é uma prática ativa de elaboração mental. Como argumentou Vygotsky (1991) socioculturalmente, a aprendizagem é uma mediação social, que envolve a linguagem como crítica na criação do pensamento. Através da leitura, como atividade discursiva, mediou-se o encontro entre o sujeito e o conhecimento. À medida que o aluno trabalha com o texto, ele experimenta a internalização das mensagens, a reconfiguração das estruturas de pensamento, o aumento de suas habilidades reflexivas.

A mediação do professor é, portanto, essencial para direcionar as interpretações nesse processo para um aprofundamento crítico. No entanto, no contexto escolar, a leitura é frequentemente transformada em tarefa para interpretar as palavras de atualização enquanto se descarta sua qualidade dialógica. Koch e Elias (2014) apontam que o significado textual não está pronto no texto, é feito nas interações entre autor, texto e leitor.

A falha em considerar essa interação na prática pedagógica serve para limitar a liberdade de leitura e impedir a obtenção da autonomia cognitiva. A "formação leitora" do leitor crítico sugere o envolvimento em

cenários de leitura que sejam propícios ao questionamento, debate e problematização.

Ler criticamente é identificar intenções discursivas, identificar pontos de vista ideológicos e confrontar uma visão oposta. Essa competência é crítica em uma sociedade caracterizada pelo fluxo massivo de informações e pela exigência de uma análise (BELLONI, 2009). Ao mesmo tempo, surgem uma variedade de metodologias ativas que buscam abordar as limitações no modo de ensino tradicional, que é um dos mais focados no professor e na disseminação unilateral de conteúdo.

As metodologias ativas também envolvem colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, tornando-o mais envolvente (Moran, 2015). O protagonismo do aluno busca responsabilidade, autonomia e o cultivo de faculdades cognitivas superiores. A sala de aula invertida é um exemplo clássico dessa remodelação instrucional. Nesse método, o aluno lê o material previamente, com outras leituras apoiadas e/ou fornecidas guiadas por diretrizes estruturadas.

Todo o tempo presencial é gasto trabalhando em discussões, resolução de problemas e aprofundamento de conceitos. Essa inversão do tempo gasto em uma atividade de ensino promove foco e incentiva o esforço prévio, dois pré-requisitos para que a participação seja

considerada qualificada (MORAN, 2015). A aprendizagem baseada em problemas também inclui leitura e reflexão crítica.

Se o aluno encontra situações problemáticas contextualizadas, ele precisa interpretar os textos, pesquisar informações e chegar a hipóteses fundamentadas. Esse processo envolve habilidades de análise, síntese e argumentação de forma que solidifica a aprendizagem com propósito. O texto deixa de ser uma fonte passiva de informação de apoio e passa a ser focado como uma fonte de investigação.

A natureza colaborativa da aprendizagem aumenta a capacidade de criar mais significado juntos do que é possível se ler apenas como uma unidade. As discussões entre pares fornecem um espaço para desafiar significados e o crescimento de perspectivas. Kenski (2012) afirma que trabalhar juntos é muito importante para ambientes colaborativos, estimulando o engajamento e construindo habilidades sociais, emocionais e técnicas que, como mencionado por Kenski (2012) entre outros, são necessárias para uma colaboração em equipe e democrática.

Outro fator relevante diz respeito à concentração. Em um mundo de distrações digitais incessantes e atenção fragmentada, a leitura requer períodos prolongados de concentração e continuidade cognitiva. Ao vincular atividades de leitura a abordagens

ativas, o professor cria contextos para a aprendizagem incessante dos alunos. A participação ativa minimiza a dispersão e promove uma retenção mais profunda do conteúdo.

O protagonismo do aluno, um princípio central de Prensky (2010), postula que o aluno não é mais apenas um receptor de materiais, mas se torna um participante ativo em sua própria aprendizagem. A leitura, como parte das metodologias participativas, torna-se responsabilidade do aluno ler, questionar e dar significado ao conhecimento. Esse envolvimento ativo facilita a autoestima acadêmica e o pensamento crítico.

O fator chave deve ser entendido como a mediação do professor sendo integral a esse processo. Como argumenta Zabalza (2004), a inovação pedagógica exige planejamento cuidadoso e definição de objetivos claros. É a escolha dos textos, a elaboração de perguntas problematizadoras e a condução de debates bem organizados que ajudam a produzir essa qualidade formativa. Autonomia não significa falta de direção, mas um mediador treinado de aprendizagem que a enriquece.

A leitura combinada com a pedagogia ativa é, portanto, uma abordagem pedagógica alinhada com as exigências pedagógicas da vida moderna. A escola incentiva o desenvolvimento

cognitivo e cívico na busca pela interpretação textual, problematização e interpretação participativa do texto. A leitura deixa de ser uma atividade solitária e passa a ser o eixo estruturante do próprio processo formativo.

Além disso, essa articulação leva à consolidação da aprendizagem significativa, que é quando criamos um vínculo entre novos conhecimentos e conhecimentos construídos por estruturas cognitivas. Se o aluno conecta a leitura com uma atividade aplicada, discussões sobre tópicos práticos e reais e na resolução de problemas, então ele desenvolve compreensão conceitual, bem como desenvolve habilidades de pensamento crítico.

A aprendizagem também se torna mais persistente e situada. Portanto, a leitura e as metodologias ativas são uma convergência natural e, portanto, uma possibilidade real de superar práticas clássicas baseadas na memorização do conhecimento. Essa integração reforça a autonomia intelectual, a concentração e a capacidade argumentativa, todos pré-requisitos para uma experiência escolar geral no Ensino Médio, incentivando a investigação, o diálogo com os outros e a reflexão.

Outro aspecto que é central na articulação entre leitura e metodologias

ativas é a construção da autonomia intelectual. A autonomia não ocorre espontaneamente, mas através de experiências educacionais que exigem tomada de decisão, análise crítica e responsabilidade pelo próprio percurso educacional.

Quando os alunos têm a liberdade de leitura prévia, auto-seleção de informações e argumentos relevantes, e a possibilidade de justificar suas próprias ideias em discussão coletiva, eles participam como organizadores ativos. Esta é uma prática para aumentar a confiança acadêmica e fazer uma análise convincente baseada em evidências.

A leitura crítica para esse tipo de contexto torna-se parte do processo de formação de indivíduos capazes de articular discursos (por exemplo, em outros contextos sociais). Em tempos de desinformação, fake news e retórica persuasiva, é fundamental cultivar a proficiência da análise textual.

Através da combinação de leitura e estratégias participativas, as escolas contribuem para uma crescente capacidade dos alunos de diferenciar fato de opinião, identificar intenções discursivas e discernir criticamente estratégias argumentativas. Para ambos, esse treinamento se estende além do ambiente acadêmico e tem um efeito direto na cidadania. Além disso, a

leitura sistemática em contextos metodologicamente rigorosos aprimora a metacognição.

Os alunos entendem sua própria aprendizagem ao considerar o que leram, falar sobre o que interpretaram como veem nos textos e revisar posições. Essa trajetória metacognitiva da atividade permite que eles reconheçam déficits, adaptem estratégias e ampliem a compreensão. A leitura, portanto, deixa de ser algo feito uma vez, mas uma série de etapas em um processo contínuo de reflexão.

A aprendizagem baseada em projetos é mais um terreno fértil para explorar a interação entre leitura e protagonismo estudantil. No desenvolvimento de projetos investigativos, os alunos também precisam avaliar múltiplas fontes, analisar perspectivas e sintetizar informações. Este é um problema de letramento crítico devido à leitura analítica e à sumarização. O produto final do projeto, por sua vez, requer organização argumentativa, coerência textual e domínio conceitual.

A leitura, portanto, torna-se o eixo ao qual a estrutura da investigação se dirige. A ampla variedade de gêneros acrescenta à qualidade formativa da leitura, que se tornou uma característica definidora da leitura (e de fato do processo de leitura). Textos literários nutrem a sensibilidade

estética e a compreensão simbólica; textos científicos inspiram rigor científico; textos jornalísticos incentivam a análise crítica dos fatos sociais.

A exposição a uma variedade de gêneros com metodologias ativas expande o repertório cultural com a capacidade de analisar e interpretar. Em um nível básico está a dimensão interdisciplinar. A leitura não deve se limitar à disciplina de Língua Portuguesa, mas deve ser incluída entre outras áreas do conhecimento.

Em Ciências, a interpretação de relatórios e artigos científicos cria análise técnica; em História, a leitura de documentos históricos desenvolve compreensão contextualizada; em Matemática, a interpretação de problemas necessita de leitura cuidadosa e abordagem lógica. Assim, a leitura transversal é aprofundada e ainda mais enriquecida pela articulação interdisciplinar.

Em termos de concentração, também se nota que uma atividade com conteúdo de leitura e resolução de problemas, combinados, pode trazer os alunos cognitivamente à atenção por um período mais longo. Comparado apenas a aulas expositivas, que podem dispersar a atenção com relativa facilidade, os métodos ativos precisam de participação contínua. A necessidade de argumentação, racionalização e troca junto com o

raciocínio com membros do grupo ajuda a manter o foco e expandir a compreensão conceitual.

E é possível integrar positivamente a cultura digital nesse processo também. Quando usados deliberadamente, os recursos tecnológicos ampliam as oportunidades de acesso a textos multimodais e contribuem para práticas de leitura. No entanto, é essencial ter cuidado para evitar a superficialidade no uso da tecnologia. A mediação do professor ainda é necessária para direcionar o exame crítico e evitar a aceitação acrítica de informações. Outro assunto relacionado à avaliação da aprendizagem.

A fusão de leitura e metodologias ativas requer formas avaliativas que valorizem processos reflexivos e argumentativos. Avaliações de memorização apenas ignoram o processo de pensamento crítico instilado nessas práticas. Portfólios, debates avaliativos, produção textual reflexiva e autoavaliação permitem a verificação do avanço interpretativo e da autonomia intelectual. O treinamento contínuo de professores também é crítico para o sucesso dessa integração.

As metodologias ativas requerem domínio de seu embasamento conceitual, planejamento estruturado e conhecimento aprofundado sobre objetivos pedagógicos

específicos. No entanto, sem treinamento adequado, as estratégias podem ser adotadas apenas superficialmente, por exemplo, seus resultados são prejudicados. Assim, tanto o treinamento de professores quanto às políticas de apoio institucional são fundamentais.

Finalmente, é essencial notar que as mudanças pedagógicas não são instantâneas. Tal cultura escolar focada na leitura crítica e no protagonismo estudantil é o produto de uma lenta mudança de percepção, mudanças na estrutura curricular em si, bem como um esforço de equipe generalizada da comunidade escolar. No entanto, os efeitos positivos de desenvolvimento que estamos vendo sugerem que o investimento não é apenas desejável, mas necessário para atender às necessidades educacionais atuais.

Assim, a expansão desenvolvida descrita aqui solidifica a noção de que leitura e metodologias ativas não são fenômenos separados, mas são duas faces do mesmo projeto pedagógico. Ao articular interpretação textual, problematização, colaboração e reflexão metacognitiva, as escolas aprimoram a aprendizagem significativa e criam um estilo holístico compatível com as demandas educacionais do século XXI.

RESULTADOS

Através da análise de quadros teóricos selecionados, foi identificada evidência consistente em apoio tanto à leitura quanto às metodologias ativas como importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico, concentração e protagonismo estudantil no Ensino Fundamental II. No geral, essa articulação não só facilita a aprendizagem significativa, mas também desempenha um papel na reestruturação das práticas pedagógicas de modo a alcançar um ambiente de aprendizagem dinâmico, reflexivo e colaborativo.

Primeiro, enfatizamos que quando lemos usando uma teoria sociocognitiva, a leitura desempenha um papel central na promoção de processos psicológicos superiores. Em Vygotsky (1991) acredita-se que a aprendizagem ocorre através da mediação social, com a linguagem atuando como uma ferramenta poderosa para a internalização de ideias. A leitura é, portanto, um espaço simbólico privilegiado pelo qual o aluno pode estabelecer conexões entre experiências antigas e novos conhecimentos.

Esses estudos indicam que o processo de internalização é mais consistente quando essa prática é articulada com metodologias ativas, pois é muito mais

participativa e dialógica. Outro resultado importante tem a ver com o aprimoramento da autonomia intelectual. As metodologias ativas exigem uma atitude investigativa sobre o conhecimento e mudam o foco do ensino para a aprendizagem (MORAN, 2015).

A leitura preliminar (típica da sala de aula invertida) estabelece um grau de apropriação sobre a aprendizagem do aluno. O aluno começa a organizar seu tempo de estudo, escolher informações relevantes e se preparar para discussões presenciais. O processo de compreensão reflexiva facilita a aquisição metacognitiva dessas habilidades; o movimento favorece o desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

Essa integração também resulta no desenvolvimento da capacidade argumentativa, um poderoso indicador. A leitura crítica, um processo impulsionado por problematizações e debates estruturados, instiga a descoberta de pressupostos, a busca por evidências e a construção de posições fundamentadas (KOCH; ELIAS, 2014). Ao participar da discussão colaborativa, chamamos o aluno a explicar interpretações fundamentadas no texto, a ser forçado a desafiar pontos de vista alternativos e a reconsiderar ideias à medida que encontra novas formas de argumentação.

Esse processo ajuda a promover a maturação intelectual e a ampliar a competência discursiva. Os achados mostram a vantagem de ler e participar ativamente em um contexto pedagógico para manter a atenção sustentada por um período prolongado. A fragmentação da atenção é um problema comum em contextos educacionais caracterizados por estimulação digital contínua. Mas, ao ser exigido que leia antes de falar, inquirir e sustentar argumentos em debate, o investimento cognitivo do aluno aumenta enquanto sua capacidade de dissipar informações diminui.

A necessidade constante de interação mantém a atenção focada na atividade proposta e fortalece a disciplina intelectual. Os estudos estudados também sugerem efeitos mais construtivos na consolidação para a construção de significado. Colomer e Camps (2002) afirmaram que a conversa colaborativa sobre os textos aprofunda o conhecimento, pois requer reorganização mental da informação e integração de diferentes perspectivas.

Ao colocar palavras nas interpretações e desafiar ideias iniciais, o aluno constrói um novo entendimento. Incorporando a leitura com metodologia participativa, um tipo particular de leitura acontece e não pode mais ser vista como

uma busca solitária na prática. A outra implicação é o desenvolvimento de um repertório cultural e interdisciplinar mais amplo.

E, como com esses trabalhos, a variedade de gêneros textuais que são investigados por meio de práticas metodologicamente engajadas facilita a formação de relações com diferentes tipos de linguagem e posturas epistemológicas. Textos científicos constroem força analítica; textos literários oferecem oportunidades para análise simbólica; textos jornalísticos provocam reflexão social; textos multimodais expandem habilidades de leitura digital.

Para Kenski (2012), a integração tecnológica com práticas pedagógicas não só expande o acesso à informação, mas oferece uma ampla gama de caminhos para o acesso à informação se complementada por mediação crítica. Portanto, a leitura em espaços digitais, apoiada, torna a educação ampla. A dimensão socioemocional também aparece como uma consequência primária.

Com a leitura crítica, a aprendizagem colaborativa ajuda a desenvolver habilidades como escuta ativa, respeito pelas diferenças, bem como cooperação. A interação social, um pilar da teoria de Vygotsky (1991), facilita o compartilhamento de significados e abre o

entendimento e a conversa para implicações mais amplas. O aluno descobre as limitações de suas crenças e aprende a apreciar as opiniões dos colegas, o que fortalece a ética e a democracia.

Além disso, os quadros estudados mostram que o papel mediador do professor é central para o sucesso de tal integração. A seleção de textos, formulação de perguntas estimulantes e planejamento de tópicos de discussão são elementos que contribuem para produzir resultados formativos. Zabalza (2004) argumenta que a inovação pedagógica necessita de propósito deliberado e planejamento sistemático.

Sem uma base teórica, as aplicações de métodos ativos podem parecer superficiais, de modo a reduzir seu efeito. Os achados também indicam que a combinação de leitura e métodos ativos leva a uma cultura escolar de reflexão e autodireção. Quando são integrados ao projeto pedagógico institucional, fazem parte de uma ecologia de aprendizagem na qual investigação, problematização e engajamento são priorizados.

Essa tendência não é algo que se desenvolve da noite para o dia, mas é uma mudança lenta e exige apoio de todos os praticantes e preparação contínua dos professores. Um ponto adicional é identificado dentro da necessidade de avaliação alinhada às práticas existentes. A

leitura e as metodologias ativas trabalham em relação recíproca para o desenvolvimento, mas apenas até o ponto em que uma leitura inclui instrumentos de avaliação, incluindo análises críticas, argumentos e reflexão, em oposição a modelos que dependem estritamente da memorização.

Na prática, avaliações formativas, portfólios e autoavaliações servem para melhor avaliar seus avanços interpretativos e autonomia. Como um todo, os achados teóricos mostram que a interligação da leitura como técnica analítica e metodologias ativas estimula o desenvolvimento do pensamento de ordem superior, aumenta a capacidade crítica e o engajamento do aluno na aprendizagem.

A afirmação está em linha com a necessidade de produzir o "pensador" na vida moderna (a capacidade de pensar, de se defender) e de fazer escolhas intencionais na sociedade. Assim, o estudo empírico estabelece que a fusão de atividades de leitura e estratégias participativas é, não apenas o mais recente e principal movimento pedagógico, mas um aspecto essencial em resposta aos desafios atuais de uma sociedade avançada do século XXI. Uma proposta educacional coerente incorpora autonomia, criticidade e aprendizagem significativa através da

promoção da análise reflexiva, conversa colaborativa e protagonismo estudantil.

CONCLUSÃO

A análise que emerge deste estudo ilustra que a articulação entre leitura e metodologias ativas é uma estratégia pedagógica consistente na construção de habilidades de pensamento crítico, concentração e protagonismo estudantil no contexto do ensino fundamental. A leitura, entendida como uma prática sociocognitiva e mediadora do crescimento intelectual, funciona como um componente estruturante para a formação daqueles que interpretam, questionam e transformam a realidade que descobrimos.

Distante das práticas de reflexão, a leitura permanece principalmente instrumental, uma replicação do conhecimento. Mas, aliada a metodologias participativas, ela possui uma dimensão formativa ampliada. A sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas e as dinâmicas colaborativas revelam a grande promessa que a leitura pode desempenhar como uma experiência investigativa, dialógica e crítica.

Aqui, o aluno deixa de ficar em uma posição passiva. Os resultados teóricos descritos destacam que a convergência da leitura e das metodologias ativas promove o desenvolvimento cognitivo, mas também

habilidades socioemocionais relevantes, incluindo responsabilidade, autonomia, cooperação e capacidade argumentativa. O foco do aluno enfraquece no contexto de múltiplos estímulos digitais, e sua força se constrói na presença de atividades que exigem preparação prévia, autorreflexão constante e interação adequada.

Questões relacionadas também tocam na mediação do professor. A inovação metodológica não remove o professor do núcleo da pedagogia, mas o redefine. O professor serve como um guia intelectual, um fornecedor de recursos, selecionando textos relevantes, proporcionando e construindo uma problematização coerente do que leem, bem como o anfitrião de debates que levam a conceitos mais profundos.

A medida em que a leitura e as metodologias ativas são integradas efetivamente pode ser atribuída em grande parte à qualidade da mediação pedagógica. Também é apontado que o ato de praticar essas práticas reside em um planejamento organizado, educação contínua e compromisso da instituição. A implementação isolada dessas estratégias, no entanto, sem uma teoria bem definida ou um desenvolvimento coerente dentro das práticas de leitura sistematizadas, pode afetar os resultados da prática.

Assim, precisamos ver a integração da leitura e das metodologias ativas como uma proposta pedagógica coerente e bem pensada em relação aos objetivos formativos da educação básica. Com as demandas emergentes, as escolas, portanto, precisam fomentar ambientes de aprendizagem que induzam investigação, discussão e reflexão crítica, em vez de apenas aprendizado de conteúdo.

A leitura deve desempenhar um papel central nesse processo como conteúdo curricular, bem como eixo organizador das práticas pedagógicas. Uma educação guiada por leitura orientada, problematização e participação ativa consolida uma educação construída sobre ideias de emancipação intelectual e formação cívica.

Portanto, deve-se concluir que o ponto de encontro entre leitura e meios ativos pode, de fato, ser uma maneira legítima e essencial de qualificar o ensino no Ensino Fundamental. Essa integração melhora a autonomia, amplia a capacidade argumentativa e promove uma aprendizagem substancial e duradoura. Quando a escola investe nesse quadro, está respondendo bem aos desafios do século XXI em que existe e fornecendo membros críticos, reflexivos e socialmente ativos em suas fileiras.

Durante toda esta análise, demonstramos que a interligação da leitura

e das metodologias ativas constitui uma abordagem pedagógica unificada para desenvolver o pensamento crítico, o foco e o protagonismo dos alunos do Ensino Fundamental. À medida que os alunos encaram a leitura como uma atividade sociocognitiva e interacional, os efeitos formativos da leitura como prática tornam-se mais do que mera instrumentalidade, fazendo com que a leitura assuma um papel estruturante na construção do conhecimento (KOCH; ELIAS, 2014).

A leitura problematizada expande os horizontes interpretativos e incentiva a manutenção da autonomia intelectual. À medida que o método de aprendizagem evolui, as metodologias ativas também servem para reorganizar o espaço pedagógico, reformulando o aluno de uma posição passiva para um sujeito ativo dentro de sua própria aprendizagem.

Como explica Moran (2015), a aprendizagem é mais significativa quando o aluno é o agente na formação do conhecimento, explorando, debatendo e utilizando os mesmos conceitos. A leitura no sentido prático, portanto, constrói o engajamento cognitivo e abre a capacidade argumentativa através da leitura integrada com a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas e práticas colaborativas.

A sobreposição entre leitura e protagonismo incentiva os alunos a desenvolverem virtudes sociais e emocionais em si mesmos. Em debates estruturados e atividades investigativas, o aluno é exposto, por meio de argumentos apoiados em textos e evidências textuais, ao julgamento ético e crítico de pontos de vista alternativos. Isso se alinha ao conceito sociocultural de aprendizagem promovido por Vygotsky (1991), que enfatiza a interação social como fonte de internalização na aquisição de conhecimento.

Uma segunda consideração diz respeito à concentração, uma habilidade mais difícil e mais fácil de desenvolver em condições caracterizadas por estímulos eletrônicos constantes. A leitura guiada, como é apresentada com métodos que levam o leitor para dentro do texto, apoia o foco sustentado, bem como melhora as habilidades conceituais. A necessidade de preparação antecipada, uma característica da sala de aula invertida, induz a disciplina mental e o estudo organizacional, promovendo assim uma aprendizagem mais consistente (MORAN, 2015).

Essa necessidade de enfatizar a qualidade da mediação do professor afeta a integração das técnicas. Isso não significa que a inovação metodológica não precise de planejamento organizado e de bases

teóricas sustentadas. Na opinião de Zabalza (2004), é essencial ter um propósito explícito e um propósito intencional em termos de intencionalidade formativa em abordagens pedagógicas inovadoras. O professor adota um papel crucial na seleção de textos, elaboração de problematizações e condução de discussões que levam a uma reflexão minuciosa e profunda.

Além disso, a integração e a integração de estratégias de leitura que se comunicam com práticas ativas derivadas de metodologias ativas também requerem um compromisso da organização e do desenvolvimento profissional contínuo. As transformações pedagógicas não são automáticas, são resultado do trabalho de investimento na formação de professores, reformas curriculares, planejamento e desenvolvimento da cultura escolar de uma comunidade de aprendizagem focada no significado para uma aprendizagem significativa (KENSKI, 2012).

A leitura deve ser integrada em diferentes áreas do conhecimento, o centro do projeto educacional. Para atender à necessidade atual, formar leitores críticos torna-se não apenas um objetivo didático, mas também um dever social. Ler criticamente, avaliar o que lemos com base em evidências e identificar problemas com discursos para se posicionar diante deles é uma habilidade humana importante para

quem deseja se engajar na esfera pública. Para alcançar isso, de fato, a escola deve incentivar práticas que sejam consistentes com a reflexão sobre a leitura e as metodologias participativas no coração do processo, que uniriam a educação voltada para a emancipação da mente e a transformação da sociedade (BELLONI, 2009).

Assim, conclui-se que a convergência da leitura com metodologias ativas oferece um caminho pedagógico apropriado para as demandas do século XXI. A aprendizagem significativa e a educação abrangente só podem ser alcançadas ao levar em conta o texto enquanto o interpreta, problematiza e promove o protagonismo dos alunos. Investir nessa articulação significa reafirmar a vocação da educação para construir indivíduos críticos, autônomos e socialmente responsáveis.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERRET, Dan. How “Flipping” the Classroom Can Improve the Traditional Lecture. *The Chronicle of Higher Education*, Washington, 2012.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAN, José Manuel. *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. Campinas: Papyrus, 2015.

PRENSKY, Marc. *Teaching digital natives: partnering for real learning*. Thousand Oaks: Corwin, 2010.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5–17, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALZA, Miguel Ángel. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.